

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



GINÁSTICA GERAL: REFLEXÕES A PARTIR DO PARADIGMA EMERGENTE DE BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS*

GENERAL GYMNASTICS: REFLECTIONS BASED ON THE EMERGING PARADIGM OF BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS

Vilma Aparecida Pinho

Universidade Federal do Pará - UFPA

José Tarcísio Grunennvaldt

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo

Este artigo analisa a ginástica a partir dos pressupostos do paradigma da racionalidade moderna e do paradigma emergente, conforme discutidos por Boaventura de Souza Santos, destacando o que há por detrás do ensino de ginástica como uma prática social que se desenvolve com base nas concepções e epistemologias de diferentes épocas. Utilizam-se, como referência, as proposições do Grupo de Pesquisa de Ginástica Geral da FEF/UNICAMP, o qual consubstancia propostas de Ginástica Geral considerando os sujeitos singulares com suas histórias de vida. A pesquisa atribui significativas mudanças na concepção de corpo, ginástica e formação no interior do paradigma emergente e conclui que a produção de conhecimento pela vivência do corpo – sujeito situado na história e nas realidades socioculturais – pressupõe práticas relevantes pelo valor da criação humana, que articula a cultura local à global e a interdisciplinaridade às experiências cotidianas como possibilidades de formação.

Palavras-chave: Paradigmas científicos; Ginástica; Educação Física; Corpo; Escola.

Abstract

This article analyzes the gymnastics from the paradigm of modern rationality assumptions and the emerging paradigm as discussed by Boaventura de Souza Santos. It highlights what is behind the school gym as a social practice that is developed from concepts and epistemology of different times. The reference used is the proposals of General Gymnastics Research Group of FEF / UNICAMP, which develops General Gymnastics proposals considering the individuals with their life stories. The research attributes significant changes in body idea, gymnastics and formation within the emerging paradigm and concludes that the production of knowledge by the experience of the body - subject situated in the history and socio-cultural realities - requires relevant practices for the value of human creation that articulates local to global culture and interdisciplinary approach to everyday experiences as formation opportunities.

Key-words: Scientific Paradigms; Gymnastics; Physical Education; Body; School.

* Agradecemos os comentários de Evando Carlos Moreira (UFMT) e Raquel Lopes (UFPA). O artigo foi preparado no bojo de uma pesquisa de pós-doutorado realizada na Universidade Federal de Mato Grosso no PPGEF – Programa de Pós-Graduação em Educação Física com o apoio da CAPES – PNPd: Programa Nacional de Pós-Doutorado no Brasil.



A Ginástica na transição paradigmática: da modernidade para o paradigma emergente

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o ensino de Ginástica que busca fabricar os corpos em diferentes períodos históricos, a partir de paradigmas epistemológicos que orientam a prática. Para tanto, apoiamos-nos na interface entre a Ginástica Científica¹ e as do Grupo de Pesquisa de Ginástica Geral da FEF/Unicamp², com o paradigma dominante da modernidade e o paradigma emergente para uma vida prudente de Boaventura de Souza Santos.

Com o paradigma científico moderno, o corpo, assim como outras dimensões da sociedade, é analisado pelas metodologias das Ciências Naturais. Nesse contexto, as noções de corpo na imagem do homem Vitruviano, da obra de Leonardo Da Vinci, são emblemáticas na representação da anatomia e da proporção de corpo, seguindo as leis matemáticas. A dualidade corpo *versus* alma é reduzida a causalidades, o corpo é objetivado, pode ser modelado.

A racionalidade técnica, porta-voz da ciência moderna, é o paradigma dominante, segundo Boaventura da Souza Santos, e desempenha um modelo de racionalidade: a) as pesquisas são de cunho positivista, pautadas nas ciências naturais; b) desconfiança das noções imediatas do corpo; c) modelo global que se distingue dos estudos do senso comum e humanísticos; d) modelo totalitário; e) modelo pautado em regras e generalizações, pois busca uma verdade, conhecer significa quantificar; f) domínio da natureza pelo homem; g) a necessidade de dividir e classificar para determinar relações

¹ A ginástica científica tem suas origens nos estudos anatômicos que se fundamentavam em lógicas operacionais empíricas empreendidas na Europa nos séculos XVII e XVIII. Veja Soares (2001).

² Realizamos um tratamento de informações sobre o Grupo de Estudos GGU – FEF Ginástica Geral da Unicamp, Faculdade de Educação Física, a partir de suas publicações, conforme serão referenciadas no decorrer do texto. Este trabalho foi realizado durante a disciplina “Culturas Escolares e Linguagens”, ofertada no PPGEF/UFMT.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



sistemáticas; h) o conhecimento é causal, aspira à formulação de leis, à luz das regularidades observadas com o objetivo de prever o comportamento futuro dos fenômenos. O positivismo, como visão de mundo e como concepção científica, é a expressão desse modelo de conhecimento.

O corpo torna-se objeto da ciência em um contexto no qual, paulatinamente, rompe com as concepções cristãs (igreja³), que não o dotavam de valor, mas também não se cogitavam as dissecações. “A anatomia desenha seu objeto, primeiro regulando sua descrição sobre a trajetória do escalpelo, depois acrescentando a ordem de decomposição que marca um distanciamento do texto em relação à ação do dissecador” (MANDRESSI, 2012, p. 430). A concepção de que se poderia investir no corpo a fim de corrigir o homem evidencia que as sociedades são marcas de um tempo no qual o homem se interroga e busca conhecer a si e ao mundo a partir da ciência empírico-analítica.

Soares (2005) afirma que, na segunda metade do século XIX, predomina nos estudos sobre o corpo o modelo chamado energético, proposto pela termodinâmica. Esse modelo, segundo a autora, aparece como um sistema de forças e, em seguida, como um motor, destacando o “adestramento do corpo, uma ação que especializa a modelagem” (SOARES, 2005, p. 29).

A preocupação em torno da civilidade e o receio com o corpo poroso indicam a emergência de uma nova sensibilidade e, no século XIX, começa-se a perceber que o corpo pode ser fabricado na sua totalidade, desde o andar ereto até a aparência. Assim, a ginástica foi o instrumento visto como adequado na modelagem do corpo. Soares (2005, p. 29) afirma que a ginástica francesa foi totalmente reformulada a partir de um trabalho

³ Mandressi (2012, p. 413) indica que obstáculos de ordem cultural, ligados ao cristianismo, tenham entravado o desenvolvimento da anatomia. Em particular, relaciona-se a abertura do corpo a uma cobrança por sua integridade na ressurreição dos mortos: “os corpos mutilados, antes ou depois da morte, recobrarão sua perfeita integridade na ressurreição”.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



científico, a fim de atender a sociedade que preconizava a retidão das posturas e hábitos considerados saudáveis: “Vícios posturais e doenças pulmonares deveriam ser combatidos com séries específicas de exercícios físicos, desenvolvidos pela ginástica científica”.

A ciência moderna desenvolve a ginástica científica inserida num conjunto de normas de conduta moral e pedagógicas que se elaboram para formar ou reformar o corpo, regulando suas manifestações e educando seus valores. Dessa forma, a ginástica ganha legitimidade pelo caráter científico que emprega na sua definição e objetivos:

A ciência fundamenta nossos movimentos, de suas relações com nossos sentidos, nossa inteligência, nossos sentimentos, nossos costumes, e o desenvolvimento de todas as nossas faculdades. A ginástica abarca a prática de todos os exercícios que tendem a tornar o homem mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais astuto, mais desembaraçado, mais veloz, mais flexível e mais ágil e que nos dispõe a resistir a todas as intempéries das estações, a todas as variações climáticas; a suportar todas as privações e contrariedades da vida; a vencer todas as dificuldades, a triunfar sobre todos os perigos e todos os obstáculos; a prestar, enfim, serviços de destaque ao Estado e à humanidade. A beneficência e a utilidade pública são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios, os mais difíceis e os mais generosos são seus meios: e a saúde, o prolongamento da vida, o aprimoramento da espécie humana, o aumento da força e da riqueza individual e pública são seus resultados positivos. (AMOROS apud SOARES, 2005, p. 38)

Soares (2005)⁴ afirma que as pretensões de Amoros estão em consonância com uma sociedade que valoriza cada vez mais práticas que se respaldam na ciência e na técnica. Os projetos científicos de Amoros constituíam-se da implementação de máquinas

⁴ Observamos que a autora faz a crítica a esse movimento de ideias pautadas na racionalidade técnica e científica moderna do corpo, pelo afastamento da cultura popular (senso comum), das atividades do cotidiano, que faziam sentido a pessoas e grupos. Pois atividades cênicas, teatrais, os contorcionismos e acrobacias foram negados na proposta de Amoros, que, uma vez respeitado pela aristocracia, teve o poder de legitimar os movimentos corporais que poderiam fazer parte de uma proposta de estado. Em entendimentos atuais, parece que o “circo, que trazia a luz o riso”, era compreendido como um tipo de anomia social que precisava ser combatido.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



nos exercícios físicos, assim como de um arcabouço envolvendo uma educação moral e patriótica.

Nesse contexto, Sant'Anna (1993) indica que a subjetividade ganhou espessura histórica, tendo em vista os estudos sobre a constituição do homem enquanto sujeito de si. A partir da noção de personalidade, iniciou-se uma ação persuasiva contra a moleza da carne que se escondia com o espartilho, pois o uso da couraça de ferro ou de pano indicava, segundo essa concepção, a fraqueza da vontade do indivíduo em modelar seu corpo pela ginástica. Desse modo, fabricar o corpo por forças externas começou a ser considerado um erro pedagógico e médico no início do século XX, devendo a prática da ginástica substituir o objeto da modelação. Como bem afirma Fraga (2004), os estudos anatômicos realizados nos séculos XIX e início do XX formaram um arcabouço fantástico com o qual ciência e tecnologia projetaram grandes mudanças nos modos de perceber e desejar o corpo.

As previsões geradas nessas instâncias de produção buscam sua materialidade no corpo; [...] é importante entender o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares; marcado muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica. (FRAGA, 2004, p. 63)

A tese desse autor é que as inovações científicas e tecnológicas penetram nos corpos e nos modos de vida dos sujeitos em diferentes épocas. E, ao tratar das inovações tecnológicas, como a Engenharia genética, cirurgia a laser, transplantes, silicones, alimentos transgênicos, anabolizantes, diz que são aparatos diversificados que vão redimensionando o corpo, pois compõem uma tecnologia de caráter discursivo e ideológico.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



O corpo saudável e forte era a promessa da ginástica científica, produzida no auge do cientificismo europeu e que repercutiu no Brasil como antídoto para uma população mestiça, considerada fraca e degenerada (SCHWARCZ, 1993). Nesse sentido, o paradigma do qual emergiu a ginástica tinha suas bases assentadas na racionalidade técnica, desenvolvida a partir da ciência, que prometia ser infalível na pretensão de produzir corpos e gravar na alma os novos modos de civilidade.

Ao estudar a História do corpo, Sant'Anna (1993) indica que a saúde do corpo começou a ser assimilada pelo governo das cidades. Nessa direção, afirma Soares (2001, p. 48) que a ginástica implementada no Brasil colocou o corpo nas agendas políticas, pela consciência da importância da “força física do trabalhador e da regeneração da raça brasileira”. A ideia era “regenerar, revigorar esse corpo debilitado e aviltado, devolver-lhe a “saúde física” (SOARES, 2001, 2001).

Torna-se indispensável frisar que o espaço dado à Educação Física, se, por um lado, representa avanço para a Educação, constituindo mais um elemento laico na sua estruturação, por outro, representa atraso, significando disciplinarização de movimentos, domesticação, pois se configura como mais um canal, absolutamente dominado pela burguesia, para veicular o seu modelo de corpo, de atividade física, de saúde... a sua visão de mundo. (SOARES, 2001, p. 49)

A Educação Física, assentada nas bases científicas fornecidas pelas ciências naturais (biológicas) e arraigada em discursos da moral burguesa, de médicos higienistas, seria protagonista de um projeto maior de sociedade. No Brasil, por ocasião da República, liderado por uma elite política e econômica liberal, esse projeto foi um estímulo às atividades econômicas e desenvolvimentistas que se pretendia implementar.

Esse modelo de ginástica, que deu bases à Educação Física, sofreu transformações ao longo da história, principalmente com o advento dos esportes. De toda forma, a crise mais profunda ocorreu na década de 1980, quando foram questionados os princípios que

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



prevaleciam nos fundamentos das disciplinas da Educação Física e começaram a ser introduzidos outros conhecimentos, como a antropologia, a filosofia, a sociologia e as artes como campos subjacentes às corporalidades, e, paulatinamente, os currículos dos cursos de formação de professores foram adequados a esse novo (que denominamos aqui) paradigma.

A ginástica, disciplina que serve de apoio à reflexão, também sofreu transformações substanciais no seu programa de ensino e suas bases passaram a ser tanto das ciências humanas como das naturais. Tomaremos como ponto de análise as projeções e reflexões do Grupo de Pesquisa de Ginástica Geral da FEF/UNICAMP, para o diálogo com as possibilidades de transformações paradigmáticas que se fazem presentes nas propostas, com o intuito de refletirmos sobre o ensino da Ginástica no contexto escolar de uma perspectiva da experiência humana que tenha sentido na vida dos alunos. O problema pauta-se na convicção de que a cultura corporal de movimento deve e pode ser esclarecedora e de vivências, desde que a escola seja alicerçada nos fundamentos da inclusão e da pluriculturalidade. Nossa pergunta orientadora é: Quais possibilidades formativas emergem da articulação do paradigma da complexidade no ensino de Ginástica no contexto escolar?

Breve incursão na perspectiva do grupo de Ginástica Geral da Unicamp - GGU

Inicialmente, discutiremos os conceitos de Ginástica para, em seguida, apresentarmos a Ginástica Geral (GG) nas aulas de Educação Física, bem como os paradigmas sustentadores de possibilidades de formação. Ayoub (1998) imagina uma ginástica contemporânea que dialogue com as diversas perspectivas das manifestações de ginástica:

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



[...] uma Ginástica contemporânea que privilegie, acima de tudo, a nossa dimensão humana, o que quer dizer o ser humano cultura e não o ser humano máquina; o ser humano sujeito e não o objeto; o liberto e não o alienado [...]. Uma Ginástica que aprenda com a acrobacia prudente/ousada do ginasta, com a flexibilidade/firme da contorcionista e a firmeza/flexível da ginasta; com o riso do palhaço e a seriedade do técnico esportivo [...]. Enfim, uma Ginástica que crie espaço para o componente lúdico da cultura corporal, ‘redescobrimo’ o prazer, a inteireza e técnica/arte da linguagem corporal. (AYOUB, 1998, p. 48).

O tempo/espaço da Ginástica Geral é produzido no interior de um Projeto Político Pedagógico e, acima de tudo, guarda especificidades de formação humana naquilo que é mais abrangente do papel da escola. Para Pérez Gómez (1998), a socialização de conhecimentos e a transformação humana são as funções educativas da escola que decorrem de um processo dialético entre a reprodução da cultura dominante e a transformação como condição de enriquecimento da condição humana (humanização). Essa função educativa da escola, que se deve transpor no ensino de Ginástica, encontra-se imersa na dialética entre socialização e transformação e se apoia no conhecimento público (científico, filosófico, artístico e histórico) a fim de desenvolver o conhecimento de cada aluno.

A GG forma os alunos pela priorização do saber corporal, não de um ponto de vista mecânico, mas cultural, cujas práticas abrangem os significados da cultura corporal de movimento para alunos e comunidade, e também pela compreensão crítica da realidade. Nesse sentido, a Ginástica Geral se legitima como conhecimento da Educação Física Escolar, pelas influências que exerce no processo de socialização das novas gerações que devem “sofrer” a *mediação crítica da utilização do conhecimento*, em virtude de ser atravessada por questões que se relacionam à sociedade, à política e à economia vigente. Os conhecimentos a serem ensinados nessa área da Educação Física Escolar servem para compreender as origens da Ginástica e suas influências nas políticas

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



do corpo, os mecanismos ideológicos, intenções e interesses; dessa forma, devemos enriquecer o ensino com debates públicos e abertos sobre as características e efeitos desse conhecimento nos indivíduos e na sociedade, nos processos de reprodução históricos dos diferentes grupos humanos.

O Grupo de Estudos de Ginástica Geral da Unicamp tem pesquisado sobre a Ginástica nos contextos nacional e internacional e distingue a Ginástica escolar a partir da compreensão de GG, cuja origem é europeia, mas tem também desenvolvido concepções e diretrizes de práticas educativas assentadas nas especificidades brasileiras. Nesse sentido, Pérez Gallardo (2008) analisa o conceito de Ginástica Geral no âmbito brasileiro em confronto com o europeu e indica que, no Brasil, a GG não tem conotação competitiva, mas formativa e deve ser ministrada por Professores de Educação Física. O objetivo do Professor é “colocar o aluno em contato com os conhecimentos sobre a cultura corporal do movimento, com uma orientação para a formação do cidadão, e não do atleta” (PÉREZ GALLARDO, 2008, p. 59). Do lugar de formador de Professores de Educação Física, orientado para a Licenciatura, no interior de uma visão humanística e pedagógica, o autor defende uma concepção de GG pautada na abordagem sociocultural:

Dentro da abordagem sociocultural da Educação Física, os estudos apontam para a preocupação com o processo e a forma de produção cultural nas diferentes regiões e culturas, a saber: processo de organização social (criação de leis, regras, normas de convívio social), forma de exploração dos recursos alimentares (agricultura, pecuária, pesca etc.), manifestações religiosas (crenças, credos e mitologias expressos nos ritos e exibições mágico-religiosas), forma de expressar estas manifestações (danças, cantos, jogos e brincadeiras).

Devem ser enfatizados os aspectos que tenham relação com a cultura corporal e/ou motora, e com os componentes lúdicos historicamente situados.

Assim, podemos observar que a abordagem sociocultural da Educação Física aponta para a necessidade de facilitar a apropriação dos elementos da cultura motora que fazem parte de cada grupo social, de todos os integrantes da sociedade. Com base no pressuposto de que a cultura acontece de forma espiralada, em que se faz necessário que a criança aprenda primeiro a cultura

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



local e/ou familiar para, posteriormente, facilitar a apropriação da cultura motora regional, nacional e finalmente a internacional. (PÉREZ GALLARDO 2008, p. 22-23).

Para esse autor, existe uma unicidade entre a Educação Física e a Ginástica Geral com orientação pedagógica. Explica que isso se dá devido ao fato de a Ginástica ter sido a base da Educação Física, mas não é seu único conteúdo. Contemporaneamente, essa disciplina abrange as manifestações da cultura corporal de movimento de maneira bastante ampla, incluindo os jogos, as lutas, as danças, os esportes, a sociedade, o corpo e tudo aquilo que faz sentido para o aluno no seu repertório da cultura corporal.

Desse modo, ele define a “ginástica” como: “1 - arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade”; “2- o conjunto dos exercícios corporais sistematizados, para esse fim, realizados no solo ou com auxílio de aparelhos” (PEREZ GALLARDO, 2008, p. 64). E a compreensão de “geral” volta-se para a apropriação (socialização no sentido de Pérez-Gómez) dos diferentes conteúdos da cultura corporal ou motora que fazem parte da Educação Física e servem de fundamentos para se apropriar de novos elementos culturais, dessa forma, ampliando (transformando) o universo cultural do participante. Daí que a definição de GG com sentido pedagógico é:

Espaço de vivência de valores humanos que possibilita a apropriação dos elementos da cultura corporal considerados relevantes pelo grupo social, com o objetivo de aumentar os recursos motores que permitam interagir de melhor forma com as pessoas as quais fazem parte da comunidade à qual o participante pertence. (PEREZ GALLARDO, 2008, p. 64).

Quais são os espaços/ tempos da GG na escola? Elaboradas as definições, é preciso situar o “como” e em que profundidade os conteúdos devem ser ensinados, levando em consideração que a “ação pedagógica” é uma opção de vida do professor que não lhe permite se confundir com o técnico ou treinador. Na escola, há algumas formas

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



de ensinar a GG como vivência, dentro das limitações do tempo escolar de duas ou no máximo três horas semanais. O objetivo é colocar os alunos em contato com a cultura corporal, partindo do pressuposto de que a cultura é um patrimônio universal o qual todo ser humano tem o direito de conhecer e dele usufruir. Faz-se necessário organizar e planejar os conhecimentos por série/ciclos de ensino, considerando as características de desenvolvimento, necessidades, interesses e expectativas dos alunos. O importante na ação pedagógica não é ter domínio do conteúdo centrado na técnica, mas domínio conceitual, correspondendo à análise histórico-crítica do conteúdo, no interior de vivências de valores humanos, como respeito, amor próprio, confiança em si e criatividade.

A ginástica geral rompe a previsibilidade e se aproxima das fronteiras do paradigma emergente de Boaventura de Souza Santos

Os conceitos de GG defendidos pelo Grupo de Ginástica Geral da Unicamp estão em consonância com um processo de transformação que busca no corpo biocultural os sentidos e significados dos saberes e fazeres na área do conhecimento da Educação Física Escolar, pois propõem levar os alunos a interagir com temas, objetos e músicas, construindo coreografias a partir das suas experiências pessoais. Nas discussões do Grupo, prevalecem os saberes da Ginástica na Educação Física Escolar em uma perspectiva de experiência, os conhecimentos são organizados e determinados por níveis de desenvolvimento dos alunos, assim como por suas culturas lúdicas e suas técnicas corporais.

Podemos perceber que houve mudanças em relação ao paradigma dominante da modernidade, principalmente nos conceitos de corpo, movimento, ginástica, currículo, Educação Física Escolar, a fim de enfatizar o paradigma emergente, conhecimento para vida prudente, que se pauta em quatro teses principais: 1 – Todo conhecimento científico-

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



natural é científico-social; 2 – Todo conhecimento é local e total; 3 – Todo conhecimento é autoconhecimento; 4 – Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum (SANTOS, 2003).

Todo conhecimento científico-natural é científico-social é a tese que sustenta que a distinção entre ciências naturais e ciências sociais não tem sentido e utilidade, pois o conhecimento pode não ser dualista, mas fundado na complexidade natureza/cultura, vivo/inanimado, mente/corpo, coletivo/individual, objetivo/subjetivo, animal/pessoa.

Interpretamos que a compreensão de corpo que direciona as práticas corporais no contexto da GG não é nem o das Ciências Sociais nem o das Naturais, mas da relação fenomenal realizada pela experiência do corpo próprio que se movimenta no mundo das coisas que decodifica os significados e compreende seu entorno que é situado na cultura e na história. Nesse caso, o corpo e o movimento são compreendidos a partir dos sentidos que se pode decodificar das realidades vividas pelos alunos. Os sentidos estão no cerne do pensamento da fenomenologia na percepção, conforme cita Nóbrega (2010, p. 71): “a percepção não corresponde a uma ordenação lógica dos dados sensíveis, mas à possibilidade de atribuir sentidos”. Os sentidos atribuídos à percepção são possíveis por se encontrarem na complexidade do corpo e do movimento que, em conjunto, expressam a sensibilidade humana.

Os modos de aprender e de construir conhecimento não decorrem de uma dimensão sobre o corpo, mas sob o corpo, que não é uma justaposição de partes e órgãos, mas um *continuum* que configura a originalidade paradoxal. Nesse sentido, a animação do corpo não está nas ações das partes ou na encarnação de um espírito, mas na reversibilidade entre sujeito e objeto.

Situamos essa noção de corpo na fenomenologia, pois nos ajuda a pensar a existência a partir das experiências de mundo, nas quais o corpo, embora seja visível, não

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



é um objeto, mas esboça pela sua materialidade o movimento da vida. O movimento constitui uma ideia central na fenomenologia. A autora indica que a percepção de mundo a partir da fenomenologia só é possível porque podemos aprender o mundo a partir da realidade corporal e da reversibilidade dos sentidos. Portanto, “a experiência perceptiva é uma experiência corporal na qual reencontramos ou religamos a unidade do sujeito e do mundo” (NÓBREGA, 2010, p. 73). Nessa perspectiva, as experiências são fundamentais na construção de conhecimento, pois abrem possibilidades de expressões, linguagens, porque formam um arcabouço fundado na perspectiva sensível e poética de corporeidade.

Com efeito, observamos que há uma crítica contundente à noção de corpo na qual o organismo é visto como inerte, e a experiência decorre da causalidade entre organismo e consciência, sendo o comportamento humano considerado como um movimento único de estímulo e respostas, pois o corpo se define pela síntese que funda para a totalidade dos/entre os fenômenos da percepção e do movimento com vista à autonomia dos sujeitos. A produção de conhecimento não se pauta na separação de valores cognitivos de valores éticos e políticos. Nessa perspectiva, a cultura é também constitutiva do conhecimento e, dessa forma, aponta para a visibilidade de conhecimentos que estão para além das forças produtivas, pois se distinguem pelo valor do vivido, da experiência que decorre de complexas relações não dualistas de organização, irreversibilidade e historicidade. (SANTOS, 2010).

A tese que toma como pauta que *todo conhecimento local é total* remete ao estudo do objeto isolado é deficiente e precário por uma suposta divisão de suas partes, como fez a ciência moderna na fragmentação dos objetos. Desse modo, o objeto, ou o conhecimento a ser produzido, parte de uma problemática sistêmica. Posto isso, podemos afirmar que a compreensão do objeto na sua complexidade decorre da configuração de interdependência de várias áreas das ciências (sejam as naturais, sociais, humanas). A

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



interdisciplinaridade, bem como a transdisciplinaridade entre campos como filosofia e história, antropologia e direito, biologia e informática, apresentam-se cada vez mais relevantes. Nesse caso, o (a) professor (a) de Educação Física reflexivo (a) trabalha com uma constelação de saberes, fato que interfere na formação de professores, pois o currículo deve refletir a complexidade de conhecimentos que lhes possibilite pensar a prática com mais propriedade. Interessante observarmos que a reflexão prescinde de nós:

Os seres humanos não são exteriores em relação ao mundo e, portanto, estão condenados a autorreflectirem-se no que observam; [...] o mundo não é um conjunto inerte de coisas materiais, de *res extensa* cartesiana, é antes uma presença activa que antecede e condiciona a nossa interpretação; a complexidade do mundo da vida faz com que o que, de modo relevante, se sabe dele seja sempre uma constelação de saberes. Todo o conhecimento é inter-conhecimento, ecologia de saberes. (TAVARES & SANTOS, 1997, p. 133).

Uma evidência do movimento acima destacado, segundo Nunes (2004), consta da obra de James Scott (1998) que documentou em pormenores os fracassos das tentativas de transformação “racional” do mundo e da sociedade que ignoram a relevância e a indispensabilidade dos conhecimentos locais e práticos, vistos por vezes como pejorativos, para reforçar uma das ideias e mais fortes e avançadas em um discurso: “Nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional, só a configuração de todas elas é racional” (SANTOS apud NUNES, 2004, p. 71).

Todo conhecimento é autoconhecimento: nesta tese, entendemos que, no paradigma da complexidade, não há separação entre sujeito e objeto na construção do conhecimento, como nas ciências físico-matemáticas, nas quais o ato de conhecer e seu produto são tidos como separáveis. Segundo Santos (2003), o ato de conhecer é um *continuum* de si e o objeto é o próprio sujeito em reconstrução. Nesse sentido, os pressupostos metafísicos (teóricos) do cientista (aluno), seus juízos de valor, suas crenças

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



não estão antes nem depois do conhecimento, mas são partes integrantes da compreensão. As trajetórias de vida de cada aluno são caminho de conhecimento e autoconhecimento que se expressam pelo movimento criativo. Por conta disto, a GG, identificada com o corpo em movimento, funciona como uma leitura do sensível (dos aspectos visíveis e invisíveis) do ser humano e de sua cultura, pois as significações construídas não partem do “eu penso”, mas dos sentidos que se dão nas possibilidades de encontro (corporal) com o mundo. Na construção coreográfica da GG, ocorre um processo criativo, não imitativo ou repetitivo, pois os temas escolhidos não são alienígenas, fazem parte dos conhecimentos e experiências de vida de todos os participantes. Portanto, possibilitam ao sujeito a expressão de suas reflexões e sentimentos, por meio de gestos e ações.

O trabalho de montagem coreográfica por tema, por exemplo, permite aos sujeitos (alunos) e ao grupo fazerem um levantamento de ideias a ele relacionadas. Propõe que a biografia da vida seja vivida por meio da arte, pois o “processo criativo não ocorre isolado em si mesmo; a criatividade está intrinsecamente relacionada com a formação simbólica e com os significados presentes em cada cultura, assim como se relaciona com a capacidade perceptiva de cada aluno” (SBORQUIA, 2008, p.150).

Para essa autora, exercer a criatividade e a apreciação artística pressupõe atitude humana que auxilia o aluno no entendimento da sua condição sociocultural. Sborquia (2008) ainda adverte que, quando as estruturas sociais e padrões de comportamento são rígidos e os alunos não mais podem se adaptar a situações de trocas, eles são incapazes de levar adiante um processo criativo. Dessa maneira, as expressões dos sentimentos, da fantasia, materializadas na coreografia, devem romper com os padrões de movimentos para que o ato criador possa se expandir.

Nesse contexto, o esporte de rendimento tem se constituído um espaço onde a criatividade e expressão têm sido controladas pelos treinamentos, nos quais a técnica foi

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



adequada a uma gestualidade extremamente codificada que ignora a expressão e a espontaneidade. Segundo Bortoleto (2008), o conceito de técnica corporal modelada pelo conhecimento científico, da razão objetiva, tem reinado nos esportes de competição. E adverte que esse conceito de técnica (pautado nos padrões característicos de cada movimento) tem se mostrado incapaz de dar conta das necessidades de expressão por meio do corpo e de seus movimentos.

O autor, apoiado em Mauss, indica que, além da eficiência mecânica, a técnica dos movimentos (técnica em geral) deve permitir elaborar um movimento eficaz simbolicamente, isto é, que atenda às características de seu contexto cultural. Na compreensão do autor, depreende-se que “uma técnica deve permitir superar limites de nossa motricidade, dando respostas às necessidades funcionais de forma intencional, sem ignorar os demais aspectos que compõem um movimento eficaz no sentido estético” (BORTOLETO, 2008, p. 179). As técnicas da GG são criadas pelas pessoas do grupo de ginástica e englobam as técnicas da Ginástica Artística (GA) com fundo musical. É necessário atentar para a dimensão expressiva da técnica que une “harmoniosamente os vários conteúdos da cultura corporal que fazem parte da coreografia; [...] com os aportes que a técnica oferece: segurança, eficiência (mecânica, fisiológica e energética), maior progressão de dificuldades, controle e domínio dos movimentos” (BORTOLETO, 2008, p. 183).

A transformação da sociedade é o centro da quarta e última tese de Santos em que *todo conhecimento científico visa transformar-se em senso comum*; ao contrário do paradigma moderno, que pouco discutia sobre a nosso ser-estar no mundo, pois considerava o conhecimento do cotidiano vulgar, ilusório, falso e superficial, o paradigma da complexidade preconiza que o conhecimento científico só tem valor se puder ajudar a construir uma sociedade mais humana e justa.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Diz o autor que a Ciência por si só não transforma se esse conhecimento não chegar ao senso comum, em que as representações são vivenciadas. Com efeito, Bracht (1999, p. 99) já havia feito uma reflexão mais diretamente relacionada ao nosso campo acadêmico quando inquiriu: “em que grau o conhecimento dito científico (ou teórico-conceitual) tem sido efetivamente referência para a intervenção, para as ações? E, ainda, até que ponto ele pode ser referência? Até que ponto a forma como ele se apresenta não inviabiliza sua utilização ou aplicação prática?”. Observemos como o conhecimento científico é organizado em disciplinas e como elas tratam ou problematizam a realidade de forma fragmentada e parceladamente. O caso da Educação Física, o movimentar-se humano como o objeto de intervenção, como ele é objectualizado pelas diversas disciplinas científicas? Olhemos a biomecânica, em que “o movimentar-se humano é o deslocamento de um corpo ou objeto físico no espaço e tempo, movimento esse determinado por vetores de força” (BRACHT, 1999, p. 99). Para a fisiologia, esse mesmo movimento resulta de reações químicas que ocorrem em órgãos específicos que em coordenação resultam em movimentos.

Portanto, são disciplinas que “produzem sempre um conhecimento parcial. Não só no sentido de provisório, mas também no sentido de excluir aspectos do fenômeno que para aquela ótica não são relevantes” (BRACHT, 1999, p. 99).

Em contraste, as práticas corporais oriundas de uma perspectiva biológica que promove repetições de gestos, o Grupo de Ginástica Geral da Unicamp (GGU) atribui à proposta de Ginástica Geral princípios norteadores de formação humana e capacitação:

A formação humana está relacionada com o desenvolvimento da criança para se tornar pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável. A capacitação vincula-se às aquisições de habilidades e capacidades de ação no mundo em que se vive como recurso operacional que a pessoa tem para realizar aquilo que queria vivenciar (MATURANA; REZEPKA apud CHAPARIM, 2008, p. 83).



Dessa forma, a proposta centra no processo e não no seu elemento final e seus princípios norteadores são:

1. Promover a integração social, o conagraçamento, a autogestão, a auto-organização, a cooperação e a cidadania (atuação política);
2. O incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo;
3. O conteúdo utiliza parte das experiências individuais, socializadas a fim de servirem de base para a exploração de todo o grupo;
4. A liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal de movimento;
5. A vivência dos valores culturais de cada grupo;
6. O prazer da atividade (ludicidade);
7. A promoção da cooperação e participação;
8. A experimentação de diversas formas de organização social;
9. A elaboração e o respeito às normas, regras e regulamentos criados pelo grupo;
10. O estímulo à autossuperação e à criatividade;
11. A possibilidade de participação de todos os membros da sociedade (crianças, adultos, idosos, deficientes);
12. A discussão crítico-superadora das diferentes manifestações da cultura corporal;
13. O aumento da interação social;
14. A demonstração das composições como produto final do processo educativo (2008, p. 83-84).

A Ginástica Geral na Educação Física Escolar e a possibilidade de formação na complexidade de corpos-sujeitos heterogêneos

Queremos enfatizar, nesta parte, que os desdobramentos da Ginástica Geral ensinada na Educação Física Escolar nos princípios do paradigma emergente, ou seja, vivenciada por experiências significativas, caracteriza-se como uma educação de escola democrática que ensina as culturas e promove a inclusão. A escola democrática na direção recomendada por Pérez Gómez (1998, p. 94) promove o ensino de culturas em espaços compartilhados de conhecimento, que busca utilizar conceitos adquiridos no interior de práticas significadas, “como ferramentas relevantes para interpretação e intervenção em contextos complexos, carregados de possibilidades e incertezas”. Nesse sentido, a

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Ginástica Geral compreende vivências de culturas com a compreensão e experiência dela mesma e no contexto de vida dos alunos.

Aprender a cultura é viver a cultura, é assimilar os conceitos utilizando-os no contexto complexo onde têm vida, no espaço de interações sociais e de produção da realidade, onde se apresentam os problemas reais da vida cotidiana. A escola, a sala de aula, somente serão um espaço da cultura viva quando os alunos/as participarem num sistema de comunicação, no qual possam decidir e possuir uma real influência dos acontecimentos em cada momento. (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p. 94).

A dimensão da cultura⁵ no ensino da Ginástica na Educação Física Escolar pode ser definida por um “conjunto de práticas sistematizadas” (KOLYNIK, 2008, p. 42), que aborda conteúdos da cultura corporal de uma perspectiva de homem (corpo) integral (espírito/subjetividade/objetividade) e deve, por isto, ser incluída no projeto pedagógico e no planejamento de ensino as diferentes atividades motoras construídas historicamente, como as artes circenses, as culturas de rua, do campo, as tradições etc. Nesse contexto, os conteúdos da Ginástica na Educação Física Escolar podem ser construídos a partir de três orientações principais: 1- Ginástica Formativa; 2- Ginásticas Competitivas; 3- Ginástica Geral.

a) A *Ginástica Formativa* pode ser encontrada de duas formas, a Construída e a Natural, mas seus fundamentos são os conhecimentos desenvolvidos pelas pesquisas sobre o corpo. Nessa ginástica construída, o corpo é visto como máquina tridimensional com eixos (articulações e alavancas), com planos de movimentos. Os movimentos podem ser construídos considerando os planos de movimento do corpo e os objetivos a serem desenvolvidos, como força, velocidade, resistência. A Ginástica Calestênica está presente

⁵ Encontramos na literatura, principalmente, o termo Cultura Corporal de Movimento para se referir ao objeto da Educação Física. “1- Cultura Corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992); 2- Cultura do Movimento (KUNZ, 1994); 3- Cultura Física (BETTI, 1992); 4- Cultura Corporal de Movimento (BRACHT, 1999)”. Daolio (2014).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



em todas as modalidades que objetivam o desenvolvimento da condição física (aeróbica, hidroginástica, exercícios de reabilitação). Nessa direção de objetivos, a ginástica natural utiliza seu repertório motor para executar as atividades, não segue um modelo, mas realiza adaptações ao meio e às habilidades da pessoa.

b) As *Ginásticas Competitivas* também fazem parte dos conteúdos de ensino. Segundo Pérez Gallardo (2008), essas ginásticas tiveram suas origens na Ginástica Formativa e passaram a ter um fim em si mesmas, ou seja, a competição, com regulamentos específicos que determinam e avaliam cada uma das formas de expressão. É organizada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), que regulamenta a forma de participação e o calendário de eventos. As modalidades mais antigas são: Ginástica Artística masculina e feminina; Ginástica Rítmica; e as mais recentes são a Ginástica Aeróbica e o Trampolim Acrobático.

c) A *Ginástica Geral*: Pérez Gallardo (2008), ao elaborar uma definição de GG, afirma que é uma prática pautada pelas possibilidades dos elementos gímnicos, ou seja, uma atividade que tem um fio condutor e delimitador gímnico, combinado com outros elementos da cultura corporal de movimento (Ginástica, Dança, Artes Cênicas, jogos, esportes); permite a criação de composições coreográficas, na sua maioria, acompanhadas de composição musical. É uma atividade coletiva que possibilita o acesso de todos aos grupos de Ginástica, independente de faixa etária, habilidades de movimentos etc. A Ginástica Geral é indicada para o currículo escolar, pois seus princípios são humanísticos, formadores e inclusivos.

O processo de inclusão⁶ está posto nessa proposta uma vez que busca na “comunidade escolar” abarcar as culturas, ou seja, as “redes de significados” num

⁶ A inclusão na educação está para além do acesso ao sistema educacional, pois perpassa o currículo, os modos de ensinar e o atendimento às especificidades físicas, mentais, emocionais e culturais dos alunos.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



processo que valoriza a diferença como singularidade integrada ao currículo de base comum/ multi e intercultural. As técnicas corporais, compreendidas pelas razões simbólicas dos gestos, compõem os repertórios teóricos e metodológicos do ensino da ginástica. Mas o processo de ensino e aprendizagem perfaz também uma dimensão crítica sobre os prejuízos humanos de preconceitos e discriminação racial, de gênero, sexual, étnico e religioso; além disso, o ensino de ginástica implica o reconhecimento da diversidade cultural e com a compreensão das desigualdades sociais e das políticas públicas e de Ação Afirmativa, as organizações políticas e as ações da humanidade no decorrer da história.

Considerações finais

Nesta reflexão, preocupamo-nos em compreender o que há por trás do ensino de Ginástica em diferentes períodos históricos, tendo em vista tratar-se de uma produção epistemológica que varia conforme os paradigmas que orientam a prática. Para tanto, utilizamos as proposições da Ginástica Científica e da Ginástica Geral (GG) da FEF/Unicamp. Atribuímos à ginástica científica o paradigma da racionalidade moderna, o qual construiu hierarquia e separação entre mente e corpo. E atribuímos o paradigma emergente de Boaventura de Souza Santos (2003) à proposta do grupo de Ginástica Geral da Unicamp- GGU.

Nesse sentido, focamos o ensino da Ginástica a partir dos paradigmas da racionalidade moderna e da complexidade e visualizamos significativas mudanças como as que se referem à concepção de corpo, ao invés do corpo inerte da modernidade, o corpo é vivo e situado no contexto; destacamos mudanças nos modos de construir

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



conhecimentos, de vivenciar o corpo com os significados socioculturais do movimento.⁷ O conhecimento do corpo é local e é total, na medida em que requer o olhar de diversas perspectivas, como o da Arte, da Filosofia, da Antropologia, da Sociologia, da Educação, da Motricidade, do Direito etc.

Os corpos na Ginástica Geral se apresentam em uma configuração entre simbólico e biológico, tal como aprendemos com Sant'Anna (2004) para quem o corpo é biocultural. Por meio da GG, há possibilidade de compreendermos a sociedade que é texto e precisa ser lida à luz de seus significados; o corpo é o aluno dançante e artista do currículo que considera as suas especificidades, necessidades e possibilidades.

Fizemos, neste artigo, uma incursão teórica na expectativa de que na escola se realize, mediante as aulas de Educação Física, a GG, com finalidades de formação humana e de capacitação. O ensino da Educação Física na escola enaltece as culturas do corpo de maneira engajada e compreensiva. No entanto, no interior da escola vivemos uma complexidade, o professor (a) de Educação Física é quase engolido por um emaranhado de questões que se constituem em barreiras para refletirmos sobre sua prática. Mas, destacamos que o (a) Professor (a) é sujeito, autoridade no processo de desenvolvimento de projetos educativos interessantes para seus alunos e comunidade. Dessa forma, defendemos que é possível, mediante parcerias e projetos, a realização da Educação Física que se legitime no currículo escolar como disciplina que é, pois há muito a ensinar com possibilidades de transformação via cultura corporal de movimento.

⁷ Essa leitura estaria talvez pautada na relação entre hermenêutica e antropologia estrutural, em que Paul Ricoeur (1988) deixa evidente que as duas maneiras de fazer aparecer o tempo não estão em mesmo nível, destacando que por preocupação dialética provisoriamente se falou de prioridade da diacronia sobre a sincronia, pois “é preciso reservar as expressões de diacronia e de sincronia para o esquema explicativo em que sincronia constitui sistema e onde a diacronia constitui problema” (RICOEUR, 1988, p. 56).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Referências

- AYOUB, Eliana. *A ginástica geral e Educação Física escolar*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1998.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. In PAOLIELLO, Elizabeth (org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. pp. 167-190.
- BRACHT, Valter. Educação Física e esporte: intervenção e conhecimento. *Revista de Educação Física/UEM* 10(1), p. 95-100, 1999.
- CHAPARIM, Fernanda Célia Alcântara. Ginástica Geral com adolescentes em situação de risco social. In PAOLIELLO, Elizabeth (org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. pp. 79-96.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, Josimar. Cultura. In GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER (Orgs.). *Dicionário Crítico de Educação Física*. 3ª Edição. Editora Unijuí, Ijuí, 2014. pag. 161/163.
- FRAGA, Branco Alex. *Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagógicas do corpo no limiar do século XXI*. In SOARES, Carmem Lúcia (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 61-78.
- KOLYNIK, F. C. *Educação Física: Uma (nova) introdução*. 2ed. rev.- São Paulo: EDUC, 2008.
- MANDRESSI, Rafael. Dissecações e anatomia. In *História do Corpo*. CORBIN A. COURTINE J. J. & VIGARELLO, G. 5ª Edição, Petrópolis RJ: Vozes, 2012.
- NOBREGA, Terezinha Petrucia da. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- NUNES, José Arriscado. Um discurso sobre as ciências 16 anos depois. In. SANTOS, Boaventura de Sousa.(Org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente*. 'Um discurso sobre as ciências' revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.
- PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. A Educação Física Escolar e a Ginástica Geral com sentido pedagógico In PAOLIELLO, Elizabeth (org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. pp. 55-78.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: PÉREZ GÓMEZ, A. I. & SACRISTÁN, J. G.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Compreender e transformar o ensino. 4ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. cap. 4, p. 67-91.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rés-Editora: Porto-Portugal, 1988.

SANT'ANNA, Denise B. de. O corpo entre antigas e novas referências. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, vol. 5, n. 2, PP. 275-284, dez de 1993.

_____ É possível realizar uma história do corpo? In SOARES, Carmen Lúcia (org.) *Corpo e história*. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

SANTOS, Boaventura Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____ *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

TAVARES Manoel & SANTOS, Boaventura Souza. Em torno de um novo paradigma sócio-epistemológico. *Revista Lusófona de Educação*, Diálogos, 1997, pp 131 a 138. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/viewFile/633/528>. Acessado em 02 de Fevereiro de 2016.

SBORQUIA, Silvia Pavesi. Construção coreográfica: o processo criativo e o saber estético. In PAOLIELLO, Elizabeth (org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. pp. 145-166.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____ *Imagens da educação do corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Sobre os autores

Vilma Aparecida Pinho

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará - do Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Educação. Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF e Pós-Doutora em Educação Física no PPGEF - da Universidade Federal de Mato Grosso.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



José Tarcísio Grunennvaldt

Graduado em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo (1985). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (1997). Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Pós-doutor em Educação Física - Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tem experiência na área de Educação e Educação Física com ênfase em História da Educação, Educação Física e esporte. Coordena projetos de pesquisa com os seguintes temas: educação física escolar, esporte, instituições educativas, ensino militar, processo civilizador e envelhecimento humano.

Recebido em: 28/03/2016

Aceito para publicação em: 25/04/2016